

## **Os trabalhos de campo em Geografia: Amazonas – Roraima e as múltiplas espacialidades**

Geography fieldwork: Amazonas – Roraima and multiple spatialities

El trabajo de campo en Geografía: Amazonas – Roraima y las múltiples espacialidades

**Thiago Oliveira Neto**

Universidade do Estado do Amazonas / Universidade Federal do Amazonas

[thiagoton91@live.com](mailto:thiagoton91@live.com)

**Deivison Carvalho Molinari**

Universidade Federal do Amazonas

[molinari\\_geo@yahoo.com.br](mailto:molinari_geo@yahoo.com.br)

### **Resumo**

Os trabalhos de campo nos cursos de graduação em Geografia na Universidade Federal do Amazonas (Ufam) são realizados desde a década de 1980, quando foi criado o curso, com a realização de atividades em percursos regionais por rodovias e rios, visando à observação e à análise dos diferentes conjuntos espaciais e expressões da paisagem que podem ser identificados e analisados, assim como ao diálogo com os atores sociais envolvidos. Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo apresentar um conjunto de reflexões, apontamentos e análises sobre os diferentes tipos de atividades de prática de campo realizadas, destacando o percurso tradicionalmente feito ao longo da rodovia BR-174, entre os estados do Amazonas e de Roraima. A pesquisa foi desenvolvida a partir de levantamentos bibliográficos e de observações feitas pelos autores, referentes às práticas de campo nos últimos 20 anos. A partir da sistematização realizada, identificaram-se diferentes tipos de atividades práticas e a realização de ações ao longo do principal eixo de articulação regional entre os estados do Amazonas e de Roraima.

**Palavras-chave:** Amazonas, Roraima, trabalho de campo, Geografia.

### **Abstract**

Fieldwork in undergraduate geography courses at the Federal University of Amazonas (UFAM) has been carried out since the 1980s, when the course was created, with activities taking place along regional routes by road and river, aimed at observing and analysing the different spatial sets and expressions of the landscape that can be identified and analysed, as well as engaging in dialogue with the social actors involved. In this context, this article aims to present a set of reflections, notes and analyses on the different types of field practice activities carried out, highlighting the route traditionally taken along the BR-174 highway between the states of Amazonas and Roraima. The research was developed based on bibliographic surveys and observations made by the authors, referring to field practices over the last 20 years. From the systematisation carried out, different types of practical activities and actions were identified along the main axis of regional articulation between the states of Amazonas and Roraima

**Keywords:** Amazonas, Roraima, fieldwork, Geography.

## Resumen

Los trabajos de campo en los cursos de grado en Geografía de la Universidad Federal de Amazonas (UFAM) se llevan a cabo desde la década de 1980, cuando se creó el curso, con la realización de actividades en recorridos regionales por carreteras y ríos, con el objetivo de observar y analizar los diferentes conjuntos espaciales y expresiones del paisaje que pueden identificarse y analizarse, así como dialogar con los actores sociales involucrados. En este contexto, el presente artículo tiene como objetivo presentar un conjunto de reflexiones, apuntes y análisis sobre los diferentes tipos de actividades de práctica de campo realizadas, destacando el recorrido tradicionalmente realizado a lo largo de la carretera BR-174, entre los estados de Amazonas y Roraima. La investigación se desarrolló a partir de estudios bibliográficos y observaciones realizadas por los autores, referidos a las prácticas de campo en los últimos 20 años. A partir de la sistematización realizada, se identificaron diferentes tipos de actividades prácticas y la realización de acciones a lo largo del principal eje de articulación regional entre los estados de Amazonas y Roraima.

**Palabras clave:** Amazonas, Roraima, trabajo de campo, Geografía.

## Introdução

A formação acadêmica em Geografia perpassa por um aprofundamento e uma compreensão das teorias e dos conceitos que auxiliam na leitura espacial da sociedade, bem como pela realização de atividades de prática de campo que possibilitam a observação, entrevistas e coleta de dados primários visando analisar as transformações contemporâneas articuladas aos conceitos e categorias trabalhados em sala de aula.

Os trabalhos de campo correspondem a atividades práticas que ocorrem fora dos ambientes de formação acadêmica, deslocando estudantes, pesquisadores, monitores e professores para locais com o intuito de realizar explanações, observações e ouvir os diferentes grupos sociais que estão territorializados, visando compreender a complexa organização e transformação espacial e da paisagem, havendo direcionamentos para aspectos mais específicos com base nos objetivos<sup>1</sup> das disciplinas envolvidas e da proposta de formação acadêmica e intelectual.

No curso de graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), o estabelecimento dos trabalhos de campo é mencionado pela primeira vez por Carvalho (1986), tratando-se de atividade prática centrada na pesquisa, entrevista, observação direta, deslocamento regional e permanência nas comunidades ribeirinhas. No período atual, identifica-se que as atividades práticas apresentam diferentes estruturas e contextos que são analisados e vivenciados, havendo, na última década, uma centralização de atividades com viagens realizadas dentro da

---

<sup>1</sup> Destaca-se que os estudantes “(...) devem ser bem informados dos objetivos do trabalho de campo, de como e quando decorrerão as atividades de preparação da visita propriamente dita e as posteriores atividades de análise e avaliação dos resultados” (Rodrigues e Otaviano, 2001, p. 41).

Região Metropolitana de Manaus (RMM)<sup>2</sup> e entre os estados do Amazonas e Roraima, principalmente ao longo da rodovia BR-174, constituindo-se no principal eixo regional de realização das atividades práticas das disciplinas de graduação em Geografia.

Diante desse contexto, o presente artigo tem como objetivo analisar a importância, as modalidades e os diferentes contextos que podem ser trabalhados ao longo do percurso interestadual entre Amazonas e Roraima, em decorrência da multiplicidade de espacialidades que foram sendo produzidas, bem como da diversidade geomorfológica e biogeográfica existente.

O presente artigo está estruturado em quatro principais partes que abordam: os tipos e modalidades de trabalho de campo, destacando as conceituações existentes e que foram sendo trabalhadas na Geografia desde a fundação dos primeiros cursos de graduação na década de 1930; na sequência, abordam-se as práticas de campo realizadas ao longo do eixo Manaus–Boa Vista, enquanto fração territorial de múltiplas transformações espaciais; na terceira parte, mencionam-se as dinâmicas atuais que são identificadas no percurso de trabalho de campo, compondo roteiros que podem alimentar discussões acadêmicas sobre as mudanças pelas quais parte da Amazônia está passando; por fim, traz-se um conjunto de possibilidades de análises que podem ser estabelecidas ao longo desse roteiro de trabalho de campo interestadual.

## Considerações gerais sobre trabalho de campo

As práticas de observação, ora criticadas por representarem um forte empirismo<sup>3</sup>, ora descartadas pela perspectiva quantitativa da década de 1960 e criticadas a partir de 1978<sup>4</sup>, mantêm-se ainda presentes, nunca deixando de existir para a realização das pesquisas ou deslocamentos dos estudantes com o objetivo de observarem a realidade e suas mutações, havendo distinções das atividades em cada escola nacional ou do pensamento geográfico.

As práticas de trabalho de campo recebem, no caso da Geografia brasileira, pelo menos três denominações, e cada uma delas carrega consigo significados que refletem na maneira como é estabelecida a atividade de formação acadêmica fora da sala de aula. Azevedo e Ribeiro (2024)

<sup>2</sup> Nesse recorte regional, registraram-se em Castro de Jesus e Oliveira Neto (2023) comentários e breves análises das diferentes dinâmicas, processos e transformações espaciais no percurso Manaus–Itacoatiara (rodovia AM-010) e nos acessos para o distrito de Novo Remanso (ramal) e a cidade de Silves (rodovias AM-330 e AM-363).

<sup>3</sup> “O trabalho de campo, para não ser somente um empirismo, deve articular-se à formação teórica que é, ela também, indispensável. Saber pensar o espaço não é colocar somente os problemas no quadro local; é também articulá-los eficazmente aos fenômenos que se desenvolvem sobre extensões muito mais amplas” (Lacoste, 2006, p. 91).

<sup>4</sup> “Todo este acúmulo foi jogado por terra a partir dos anos 1970, quando no rastro da hegemonia da Geografia Teórico-Quantitativa os trabalhos de campo passaram a ser execrados e praticamente riscados do mapa das práticas dos geógrafos, sob o argumento de que as tecnologias da informação e os modelos matemáticos seriam instrumentos mais adequados para a investigação da realidade. Também no movimento inicial da Geografia crítica, a radicalização crítica ao empirismo dominante na Geografia tradicional levou a uma negação da validade do trabalho de campo como instrumento de construção do pensamento geográfico, em função da ênfase conferida à teoria” (Alentejano; Rocha Leão, 2006, p. 55).

mencionam que essas denominações correspondem as excursões, expedições e trabalhos de campo, havendo uma incompREENsão desses conceitos e de seus usos para denominar o contato dos estudantes e pesquisadores com as diversas realidades em uma dada atividade com deslocamento entre lugares.

Em um cuidado metodológico, Azevedo e Ribeiro (2024) mencionam que as excursões sempre tiveram um caráter didático e demonstrativo de um dado recorte espacial. Recorte este previamente conhecido pelo grupo de professores que coordenam a atividade, e que já conhecem o percurso e a realidade, realizando a transmissão de informações e indicando textos produzidos e existentes sobre os lugares. Dentro de um contexto de “guiar” as pessoas que não conhecem a localidade. Esta atividade é bastante comum em eventos nacionais e internacionais, como o caso dos eventos acadêmicos realizados na cidade de Manaus pelos professores das instituições de ensino superior como o caso do 10º Simpósio Nacional de Geomorfologia (Sinageo)<sup>5</sup> no ano de 2014, e, o XI Simpósio Nacional de Geografia da Saúde (XI Geosauda), em 2014 e 2023, respectivamente tiveram excursões organizadas por um grupo de professores estrangeiros e brasileiros durante o III Simpósio Nacional de Geografia Política no ano de 2013.

O segundo tipo de atividade, que consiste nas expedições, centraliza-se em um tipo de ação marcada pelo caráter exploratório de contato inicial entre pesquisadores e as frações territoriais observadas, com a reunião de informações e dados que podem ou não condicionar ações de pesquisa no futuro.

As duas perspectivas anteriores apresentam um objetivo muito mais exploratório do que investigativo, gerando, em muitos casos, relatórios e até tertúlias geográficas, com alguns trabalhos sendo de relevância para os Estados nacionais para fins de conhecimento da ocupação e das transformações espaciais.

Os *trabalhos de campo*, no âmbito da ciência geográfica, apresentam o que Azevedo e Ribeiro (2024, p. 12) chamam de um certo “*status* metodológico” e pressupõem uma observação da realidade mediada pelos conceitos geográficos, uma leitura espacial mediada por uma “articulação entre escalas”, correspondendo a um “processo que serve como importante momento em uma pesquisa definida”, seguindo percursos metodológicos perante a necessidade de responder a questões (perguntas) ou hipóteses iniciais ou que são estabelecidas durante a prática de campo, que precisam ser respondidas.

---

<sup>5</sup> Na ocasião foram realizadas excursões para o Parque Nacional de Anavilhas (município de Novo Airão), Encontro das Águas e Ilha do Careiro da Várzea, e, Cachoeiras do município de Presidente Figueiredo conforme disponível na homepage oficial do X SINAGEO. Disponível em: <https://www.sinageo.org.br/2014/comissoes.html> Acesso em 01 de julho de 2025. O XI Simpósio Nacional de Geografia da Saúde (XI GEOSAUDE) teve excursões para as Ruinas da Vila de Paricatuba (município de Iranduba) e Centro Histórico/Distrito Industrial de Manaus em novembro de 2023. Disponível em: <https://www.even3.com.br/xi-simposio-nacional-de-geografia-da-saude-303727/> Acesso em 01 de julho de 2025.

Enquanto recurso metodológico, o trabalho de campo apresenta pelo menos *três perspectivas*, segundo Azevedo e Ribeiro (2024): a) apresenta percurso metodológico de coleta de informações, dados primários, de análise preliminar e de observação; b) envolve a realização de observações diretas dos lugares e paisagens com o objetivo de identificar as manifestações de processos e dinâmicas de transformação espacial; c) contempla a operacionalização de metodologias diversas que formam triangulações.

A perspectiva metodológica apresenta diferenciações na prática de campo conforme as disciplinas, enfoques e objetivos definidos preliminarmente, havendo, para cada subcampo da ciência, a operacionalização de usos de equipamentos (trados, pá, bússola, Acoustic Doppler Current Profiler-ADCP, mapas, penetrômetros, infiltrômetros, tabela de cores de solo, entre outros), aplicativos de celular (fotografias com coordenadas geográficas, navegação *offline*, geração de rotas e trilhas, etc.) e de ações diretas (entrevistas, rodas de conversa, explicações de atividades por um ator social, administrativo, político, econômico ou pesquisador local), assim como a realização de entrevistas e a formulação de questionários, visando à construção de diagnósticos da situação social e temporal das ocupações e dos conflitos existentes.

Diante disso, métricas, oralidades, observações e reflexões passam a compor o temário dos trabalhos de campo, visando sempre responder às questões iniciais estimuladas pelos professores e coordenadores da atividade, que previamente buscaram conhecer os locais antes das viagens<sup>6</sup> com os grupos de estudantes e que, no decorrer da atividade, incorporam novas questões com base nas observações da realidade e nas indagações dos estudantes.

No âmbito das observações em trabalho de campo, menciona-se, de acordo com Azevedo e Ribeiro (2024), que existem tipologias que ajudam a identificar os tipos de ações realizadas e que são estabelecidas com base no envolvimento dos pesquisadores (professores e estudantes) com a realidade e o cotidiano, havendo os casos do “observador completo”, “observador como participante”, “participante como observador” e “participante completo”, sendo que cada uma dessas posições compõe um determinado temário que torna a tarefa de responder aos objetivos de maneira mais direta ou indireta. Há, ainda, pelo menos *três etapas de observação* que podem ser compreendidas como: observação descritiva, observação focada e observação seletiva.

Essas três modalidades<sup>7</sup> corroboram para a assertiva de que “(...) um trabalho de campo para observação não pode ser somente amplo, mas também não é recomendado ir ao terreno apenas para

<sup>6</sup> Vale a pena mencionar que as atividades de prática de campo são desenvolvidas após a realização de um pré-campo por parte dos professores, demais profissionais e monitores envolvidos. Isso ocorre com fins de planejamento e segurança, visando à realização da atividade prática com o grupo de estudantes de maneira segura e exitosa.

<sup>7</sup> “A observação descritiva seria realizada ainda na fase inicial da pesquisa, para colher informações, dados e caracterizações gerais do objeto estudado. As descrições abrangentes são feitas para selecionar os casos mais relevantes a serem usados na observação focada e na observação seletiva. A seleção tem que respeitar a questão central da

responder a uma questão objetiva”, havendo necessidade de uma flexibilidade e que pode ser alterada ao longo da atividade (Azevedo e Ribeiro, 2024, p. 14).

Os trabalhos de campo são elementos fundamentais para oferecer uma base ao geógrafo, permitindo-lhe comunicar sobre as transformações espaciais, sendo a pesquisa e o trabalho de campo um meio e não um fim, como menciona Kayser (2006), para compreender a situação social e, mais recentemente, a situação socioambiental.

Referente à pluralidade de tipos e modalidades de trabalhos de campo que podem ser estabelecidos durante a graduação, com o envolvimento de professores, monitores, mestrandos, doutorandos e pesquisadores, destacam-se atividades com durações curtas, médias, longas e extra longas, realizadas em locais específicos, em vários locais, ou ainda tendo locais específicos com alguns lugares visitados e trabalhados. Por fim, as modalidades de percurso, que, no caso da Amazônia — principalmente no estado do Amazonas —, apresentam características de atividades realizadas em terra firme, em áreas de várzea, em rodovias ou em rios e lagos.

As modalidades mencionadas, embora não oficialmente estabelecidas, podem ser identificadas pelo tempo de realização, tendo em vista que uma prática de campo pode ocorrer em um período de 4 horas até 15 dias ou mais, sendo consideradas como atividades de trabalho de campo longas aquelas com mais de 5 dias de duração<sup>8</sup>.

**Quadro 1 - Trabalhos de campo e suas temporalidades de execução.**

Modalidade	Tempo de duração	Característica
Trabalho de Campo Curto (TCC)	4 até 8 horas	Trabalho de campo realizado nas proximidades da Universidade, com observações, explicações e visitas. Realizando percurso de 1 até 110km, com uso de veículos institucionais ou embarcações em caso de percursos acima de 10km além do campus.
Trabalho de Campo de Média Duração (TCMD)	2 até 4 dias	Trabalhos que são realizados na Região Metropolitana de Manaus (RMM) ou em municípios de acesso rodoviário ou fluvial.
Trabalho de Campo Longo (TCL)	5 até 8 dias	Trabalhos de campo de percurso para além da RMM, tendo deslocamentos intermunicipais longos ou sendo interestaduais com diversos locais de observações e de coleta de dados.
Trabalhos de Campo Extra Longos (TCEL)	9 até 15 dias Excepcionalmente acima de 15 dias.	Trabalhos de campo interestaduais com realização de atividades de maior duração como observações, experimentos práticos e visitas em instituições e fronteiras.

Org. os autores.

pesquisa e seus objetivos. Na observação descritiva, o foco é abordar a atividade social em progresso sem a questão-central da pesquisa em mente, mas apenas respondendo à questão geral “o que está acontecendo aqui? (...) Em um segundo momento, questões estruturadas são realizadas para cada domínio produzido na etapa anterior, tornando a observação focada mais ativa do que a anterior. Aqui já se destaca a questão-central da pesquisa e busca-se construir uma taxonomia com uso de diagramas, como caixas e/ou conjunto de linhas e nós. Em um último momento, a observação seletiva é a etapa de realização de entrevistas de contrastes, isto é, deve-se construir questões antes de ir a campo com interesse específico de refutar as taxonomias definidas” (Azevedo e Ribeiro, 2024, p. 15).

<sup>8</sup> “Para este autor [Yves Lacoste], os trabalhos de campo devem ser longos e contínuos, marcados por caminhadas, e convívio com a realidade, o que o torna caro e difícil de ser realizado em larga escala” (Alentejano; Rocha Leão, 2006, p. 62).

Além dessa tipologia associada aos períodos de tempo em que se realiza uma atividade de prática de campo, identificam-se pelo menos três modalidades centradas na concentração e/ou dispersão dos lugares listados como fundamentais para a realização da prática, podendo haver ainda atividades que mesclam as duas modalidades, principalmente em trabalhos de média e longa duração.

**Quadro 2 - Trabalhos de campo e os tipos de observação.**

Modalidade	Tempo de duração	Característica
Trabalho de Campo Focal	De 1 até 4 dias	Todas as atividades ou a parte principal ocorre em um único lugar que pode ser uma cidade, um bairro, um trecho de canal ou rio, assentamento ou comunidade, havendo nesses casos, realização de atividades de aplicação de questionários, entrevistas e extensão.
Trabalho de Campo Difuso	De 1 até 15 dias	Essa modalidade envolve a realização de diversas paradas para observação, entrevistas, visitas técnicas e de coleta de dados primários com mais de dois locais trabalhados por dia.
Trabalho de Campo Misto	De 1 até 15 dias	Nesta modalidade ocorre a realização de atividades concentradas um dado lugar e atividades que ocorrem em vários lugares ao longo de um dia de trabalho.

Org. os autores.

Uma terceira categoria que podemos traçar consiste nos trabalhos de campo e seus percursos de realização. Estes podem ocorrer em caminhos terrestres ou fluviais, de maneira combinada ou não, com realização dentro de um Município, de um Estado, entre Estados ou ainda com acesso a zonas fronteiriças. Esses percursos estão condicionados aos objetivos que se busca atingir com a atividade prática, pois cada recorte espacial pode revelar configurações e arranjos espaciais que podem ser identificados em percursos locais, intermunicipais, interestaduais ou internacionais.

**Quadro 3 - Trabalhos de Campo (TC) e Deslocamentos em percursos locais, regionais e internacionais fronteiriços.**

Modalidade	Percorso	Característica
TC Municipal (Capital)	1 até 70km	Trabalhos de campo de curto percurso dentro do município de Manaus, com deslocamentos viários e fluviais, com realização de atividades entre 1 e 3 dias.
TC na RMM	15 até 350 km	Trabalhos de campo de médio percurso que ocorrem dentro da região metropolitana de Manaus que apresenta mosaicos de espacialidades pretéritas e atuais, estabelecimento de grandes projetos industriais, energéticos, portuários e ações de modernização do território, mudanças geomorfológicas e feições associadas a formação sedimentar, fluvial recentes, neotectônica e canais com inflexões.
TC em Rios e Cidades Ribeirinhas	Acima de 10 km	Trabalhos de campo desenvolvidos apenas em ambientes fluviais com observações das dinâmicas de geomorfologia fluvial e da ocupação das várzeas ribeirinhas.
TC em Rodovias e Cidades de Colonização	Acima de 20 km	Trabalhos de campo realizados essencialmente em áreas de intervenção do Estado como o caso dos projetos de colonização e das cidades originárias de uma produção do espaço associadas a abertura de rodovias.
TC Intermunicipais	Acima de 10 km	Trabalho de campo com percurso em dois ou mais municípios de acesso fluvial ou rodoviário.

TC Interestaduais	Acima de 270 km	Trabalho de campo de longo percurso que perpassa dois ou mais estados, visando a identificação de processos sócioespaciais
TC Interestadual e Internacional	Acima de 860 km	Trabalho de campo de longo percurso que visam observar e analisar as dinâmicas territoriais entre dois ou mais estados e uma faixa fronteiriça.

Org. os autores.

Os trabalhos de campo apresentam, em sua maioria, uma verdadeira combinação dessas modalidades sintetizadas nos Quadros 1, 2 e 3, com observações diversas, como as descritivas, abrangentes e/ou focadas. No caso dos trabalhos de campo interestaduais, realizados quase que anualmente pelo Departamento de Geografia da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), observa-se a característica de serem atividades de Trabalho de Campo Longo (TCL) e, às vezes, na modalidade de Trabalhos de Campo Extra Longos (TCEL), com a particularidade de serem mistos, pois envolvem análise detalhada de um local e observações de vários outros ao longo da prática. Essas atividades incluem deslocamentos interestaduais e internacionais, com percursos pela zona fronteiriça.

Esse tipo de atividade, que corresponde aos trabalhos de campo longos e, em alguns casos, extra longos, é realizado com o objetivo de percorrer longas distâncias e permitir aos estudantes uma análise de dinâmicas espaciais que apresentam territorialidades diversas e contínuas à malha rodoviária, possibilitando a combinação de análises focais e diversas ao longo dos dias, além de visitas às fronteiras entre Brasil–Guiana e ou Brasil–Venezuela.

### **Olhares geográficos entre 2005 e 2025 referente ao percurso Amazonas - Roraima**

O “valor do trabalho de campo enquanto instrumento de conhecimento da realidade geográfica (...)” (Coltrinari, 1998, p. 104) está centrado, cada vez mais, na possibilidade de permitir o reconhecimento de faces de um mundo em transformação e de constituir-se como parte de um dos elementos de construção das aprendizagens e da formação.

Os trabalhos de campo, enquanto atividade que visa estabelecer uma formação sólida aos estudantes de graduação, apresentam repercussões positivas não apenas para esse grupo específico, mas para todos os que estão envolvidos, como técnicos, estudantes monitores, estagiários de docência (mestrando ou doutorando) e pesquisadores que acompanham as atividades. Diante disso, podemos pontuar dois tipos de vivências referentes a essas atividades: a primeira, dos estudantes; e a segunda, dos professores.

Para os estudantes, as atividades de prática de campo são observadas como um momento ímpar no curso de graduação, pois trata-se da oportunidade de realizar viagens e conhecer lugares, feições e dinâmicas que não se manifestam em seu cotidiano. Ademais, são nessas atividades que elos de fraternidade e amizade são iniciados, dimensão tão importante (e pouco mencionada) quanto

o aprendizado geográfico produzido. Para muitos, correspondem ainda às primeiras viagens para além dos limites urbanos da cidade onde residem. Com isso, a prática de campo ganha outros significados, correspondendo à possibilidade de propiciar ao estudante — em sua maioria jovem, entre 18 e 22 anos — o conhecimento de outros municípios, estados e países (pelo menos nas zonas fronteiriças), deixando marcas em sua memória por meio dos momentos vividos e das observações realizadas.

Nesse contexto, os deslocamentos, paradas e observações correspondem a algo novo, nunca visto anteriormente pela maioria dos estudantes, sendo que para aqueles que são atentos, as manifestações espaciais de processos regionais ou globais<sup>9</sup> tem suas marcas identificadas no solo, relevo e nas formas espaciais construídas.

O material e a imaginação desempenham um papel salutar na construção de entendimentos e análises, mesmo que preliminares, da realidade observada e vivida. Parte desse entendimento, para além das formas espaciais visuais, está na compreensão dos movimentos que são traduzidos, em outras palavras, por processos geodinâmicos ou socioespaciais. Esse entendimento prévio está relacionado à capacidade de articulação com os conceitos, categorias, discussões e aulas teóricas<sup>10</sup>, somados às explicações gerais realizadas pelos docentes durante a atividade de campo.

Com isso, apenas uma parte da compreensão é realizada, consistindo na articulação entre teoria e realidade observada, medida e entrevistada, necessitando de um retorno aos textos teóricos para aprofundar o entendimento. Isso ocorre porque, no decorrer da atividade prática de campo, novas indagações e até mesmo processos são observados sem que tenham sido feitos comentários e leituras teóricas que permitam sua compreensão em uma dada totalidade.

Esse retorno está fortemente associado à necessidade de elaboração de relatórios de campo ou à realização de uma pesquisa por parte dos estudantes<sup>11</sup> após a prática de campo enquanto componente curricular de uma ou mais disciplinas envolvidas. É justamente nesse retorno que ocorre o aprofundamento da análise e da interpretação, as quais não foram totalmente solidificadas

---

<sup>9</sup> O trabalho de campo é parte essencial do trabalho do geógrafo; a realidade que ajuda a decifrar revela, cada dia com maior clareza, não só sua complexidade intrínseca, mas também aquela decorrente dos processos globais, sejam estes desencadeados pela economia ou pelos processos do sistema Terra” (Coltinari, 1998, p. 106).

<sup>10</sup> “Fazer trabalho de campo representa, portanto, um momento do processo de produção do conhecimento que não pode prescindir da teoria, sob pena de tornar-se vazio de conteúdo, incapaz de contribuir para revelar a essência dos fenômenos geográficos. Neste sentido, trabalho de campo não pode ser mero exercício de observação da paisagem, mas partir desta para compreender a dinâmica do espaço geográfico, num processo mediado pelos conceitos geográficos” (Alentejano e Rocha Leão, 2006, p. 57).

<sup>11</sup> Este fato pode ser exemplificado na trajetória acadêmica deste autor que realizou trabalho de campo em maio/2004, na condição de aluno/monitor da disciplina Geomorfologia, no município de Presidente Figueiredo, estado do Amazonas, e que posteriormente realizou dissertação de mestrado em Geografia no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGEO/UFSC) intitulada “Dinâmica Erosiva em Cicatrizes de Movimentos de Massa – Presidente Figueiredo (Amazonas)”, entre 2005 e 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/89873/241723.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 01 de julho de 2025.

durante a atividade prática. Contudo, essa etapa posterior pode ou não ser realizada, pois depende da solicitação, ou não, de relatórios de campo por parte dos docentes.

Para os docentes, as práticas de campo correspondem a um momento oportuno de deslocamento e acompanhamento das turmas em locais que apresentam significados e marcas de processos espaciais ou geodinâmicos (erosão, movimento de massa, “terrás caídas”, etc.), configurando um contexto distinto do primeiro grupo. No caso dos docentes, existe um conhecimento prévio das dinâmicas e do local, em decorrência da necessidade de verificar as condições de percurso, alojamento e alimentação, o que demanda o conhecimento prévio dos lugares. Além disso, a prática de campo é organizada e estabelecida conforme a necessidade de responder questões centrais de investigação e objetivos das disciplinas envolvidas. Com isso, o direcionamento das atividades está atrelado à condução dos grupos de estudantes para realizarem atividades (observações, entrevistas, coleta de dados primários) visando responder indagações previamente estabelecidas e até mesmo questões que vão sendo constituídas no decorrer da prática de campo.

Ao longo de um intervalo de 20 anos de trabalhos de campo com deslocamentos pelos eixos das rodovias BR-174 (Manaus–Caracaraí–Boa Vista–Pacaraima), BR-401 (Boa Vista–Bonfim), RR-203 (acesso ao Tepequém) e, recentemente, a BR-432, identificaram-se transformações espaciais substanciais, comentadas por Molinari *et al.* (2011), Guedes *et al.* (2014), Lima (2018, 2020), Venâncio *et al.* (2024), Venâncio e Oliveira Neto (2024) e Medina *et al.* (2024). Destacam-se a expansão dos cultivos de soja e milho, como menciona Vidal (2024), além da formação de um corredor agroindustrial e de uma região agrícola, conforme pontuam Venâncio e Oliveira Neto (2024).

No recorte espacial entre Manaus e Boa Vista, como parte das atividades práticas de trabalho de campo, existem pelo menos cinco frações territoriais<sup>12</sup> que apresentam configurações e dinâmicas de interesse, sendo locais de observação e trabalho durante boa parte das viagens: o município de Presidente Figueiredo, que apresenta uma formação relacionada à inserção de grandes projetos, como a abertura da rodovia, o projeto de mineração do Pitinga e a construção da Usina Hidrelétrica (UHE) de Balbina, transformações abordadas por Oliveira (1994; 1996); a segunda fração territorial corresponde à conformação espacial de uma Região Agrícola de Roraima, com expansão dos cultivos de grãos como arroz, soja e milho, além de atividades relacionadas à dendicultura e à pecuária; a Zona Fronteiriça Bonfim (Brasil) e Lethem (Guiana), que vem

---

<sup>12</sup> Isso não quer dizer que não existam outras frações territoriais e lugares que possam ser trabalhados, como é o caso dos municípios de Uiramutã e Normandia (RR). Contudo, trata-se de municípios cujos acessos apresentam apenas rodovias com revestimento primário e a formação de obstáculos – atoleiros, depressões e valas - que limitam o deslocamento de ônibus com suspensão pneumática em rodovias com condições ruins de trafegabilidade.

apresentando adensamento de objetos geográficos e a formação de um novo corredor de transportes até Georgetown; a Zona Fronteiriça Pacaraima (Brasil) e Santa Elena de Uairén (Venezuela), que apresentou mudanças substanciais em um intervalo de 15 anos, marcada como zona de passagem de migrantes e com fluxos internacionais de cargas e pessoas; por fim, a quinta fração territorial compreende o município de Amajari, onde ocorrem parte das atividades voltadas aos estudos de geomorfologia estrutural (falhamentos, dobramentos, depressões intramontanas) e de processos (feições erosivas “voçorocas”) e biogeografia (vegetação de encosta e topo de serra) na área da Serra do Tepequém, uma antiga região garimpeira de diamantes que passou a ter interesse ecológico, turístico e de lazer a partir da década de 2000.

No município de Presidente Figueiredo, estado do Amazonas, há uma diversidade de aspectos geológicos, geomorfológicos e biogeográficos que permitem uma análise capaz de identificar diferenças, mudanças e espacialidades distintas (figura 1). Isso foi possível, de acordo com Nogueira e Sarges (2001), após a construção da rodovia BR-174, que teve uma série de cortes de taludes realizados e que revelou marcas de processos neotectônicos e de formações sedimentares recentes (Alter do Chão), zona de transição (formação Nhamundá, com presença de folhelhos do período Siluriano e ambientes de sedimentação com arenitos de estratificação cruzada de antigas dunas, como identificado na Cachoeira da Porteira), início de uma formação cristalina com afloramentos de rochas e a presença de material basáltico e granítico das formações cristalinas, este explorado principalmente por empresas locais para a geração de agregados (pó de brita, brita e rachão) na construção civil, abastecendo os mercados de Presidente Figueiredo e, principalmente, de Manaus.

A consolidação de uma nova rodovia<sup>13</sup>, que era inicialmente estadual e foi federalizada com sua respectiva pavimentação, possibilitou o acesso dos ônibus da universidade para deslocar turmas até as novas áreas de observação e exploração no âmbito das atividades acadêmicas e pedagógicas, como morros, serras, vegetação, vilas, assentamentos e bacias hidrográficas com rios entrecortados por pontes.

Dentro desse contexto, pode-se mencionar que o “atual cenário de rápidas transformações sociais e ambientais que se cristalizam no espaço geográfico” (Alentejano; Rocha Leão, 2006, p.

---

<sup>13</sup> A rodovia BR-174 teve o início de suas obras de construção em 1967, pelas firmas Transcon e CIB, com fiscalização e apoio do Departamento Estadual de Rodagem do Amazonas (DER/AM), realizando a abertura dos primeiros 200 quilômetros entre Manaus e o igarapé Santo Antônio do Abonari (AM), e de Boa Vista até Caracaraí, com 140 quilômetros (Medina et al., 2024). Em decorrência das dificuldades de continuidade das obras e da eclosão da Rebelião de Rupununi, em 1969, na Guiana e nas proximidades da fronteira, o Regime Militar buscou retomar as obras a partir de 1970, com a contratação da engenharia militar (Batalhão de Engenharia e Construção – BEC) para finalizar a construção da rodovia Manaus–Boa Vista–Pacaraima (BV-8), sendo que a finalização do último segmento, Manaus–Caracaraí, ocorreu de maneira tardia, com o encontro das frentes de serviço em 22 de dezembro de 1975 e a inauguração oficial ocorrendo em 6 de abril de 1977, após uma década de obras.

51) necessita de uma contínua ida aos lugares e frações territoriais para acompanhar os desdobramentos. Com isso, mesmo que se realize um trabalho de campo com o mesmo percurso de anos anteriores, novas manifestações espaciais de processos recentes poderão ser identificados, fazendo com que um trabalho de campo nunca seja igual ao anterior, principalmente no percurso entre Amazonas e Roraima, marcado por dinâmicas e processos contemporâneos de expansão de atividades econômicas e de mudança no uso da terra.

**Figura 1** – Cachoeira Pedra Furada na AM-240, área de movimento de massa na antiga Fazenda Caipuru no BR-174, Folhelhos na margem esquerda da rodovia BR-174 sentido Manaus-Presidente Figueiredo, rochas e árvore petrificada nas camadas de folhelhos, cachoeira da Porteira e Pedreira Samauma.



Org. os autores com imagens de 2009, 2011 e 2024.

Os estudantes, enquanto sujeitos pensantes, para os quais, no processo educacional, as dimensões dos atos criativos e da construção coletiva dos saberes tornam-se fundamentais, tanto na formação profissional superior quanto na educação básica, estão inseridos em um contexto que Rua (1992) menciona como formação de novos indivíduos com capacidade de interferir na sociedade e na própria realidade.

A ideia de observar os locais — e até mesmo pontos turísticos — não dentro de um contexto de feituração do espaço e dos lugares, mas enquanto exercício de analisar o conteúdo, processos e a forma, aproxima-se daquilo que Santos (2002) denomina forma-conteúdo, ou do que Gilbert e Bloom mencionam como processos e formas de relevo.

O trabalho de campo atualmente não deve desprezar a teoria como ocorreu no passado da ciência geográfica, conforme pontuam Alentejano e Rocha Leão (2006), embora faça parte da história da geografia, como menciona Azambuja (2012, p. 183) que “na Geografia Clássica, o método de estudo incluía a observação, a descrição e a explicação dos elementos naturais e humanos que compunham a paisagem de cada lugar”<sup>14</sup>. O desafio colocado pelos avanços teóricos da ciência geográfica (figura 2), estão centrados nas análises a partir das diferentes escalas (local – nacional – global) e na necessidade de compreender os processos (movimento da sociedade e as mudanças no relevo), esse avanço possibilita que as atividades práticas de campo estejam cada vez mais focadas na observação e na identificação dos processos que desencadeiam as formas espaciais observadas, superando as meras descrições e avançando para a produção de reflexões, relatórios e entendimentos cada vez mais analíticos, com o entrelaçamento entre teoria e realidade.

**Figura 2** – Trabalhos de campo na geografia clássica e contemporânea.

Trabalho de campo na geografia clássica	Trabalho de campo na geografia contemporânea
Observação da realidade.	Analizar a realidade a partir de conceitos e categorias. Partindo de objetivos e hipóteses iniciais.
Anotar e catalogar os objetos identificados.	Realizar a interpretação de processos que deram origem as formas espaciais e a composição das paisagens.
Representação em mapas e em croquis o que está sendo observado.	Mapeamento com uso de SIG e softwares de obtenção de dados geoespaciais.
Observação e descrição das formas de relevo.	Observação, descrição, coleta de amostras, realização de experimentos e análises dos solos, águas, vegetação e relevos.
Entrevistas e descrições dos modos de vida.	Entrevistas, visitas técnicas e vivência dos moradores.
Elaboração de relatórios descritivos.	Elaboração de relatórios analíticos e descritivos.

Org. os autores.

<sup>14</sup> Claval (2013) menciona que “a realidade não resulta da justaposição aleatória de dados. Ela se apresenta sob a forma de paisagens; tem uma fisionomia de conjunto que nos convém apreender”. O mesmo autor ainda afirma que “a saída de campo não serve apenas para recolher dados e assegurar a autenticidade factual dos ensinamentos da disciplina; ela é também o vetor de um entendimento global que não pode ser alcançado de outra forma, o mundo é feito de individualidades que precisamos perceber. É crucial possibilitar ao público a oportunidade de captar essas especificidades. O texto não é suficiente para isso — a vista é indispensável para que o cenário esteja completo; aqueles que não se deslocam precisam de um substituto dela para compreender o mundo: a imagem”.

No período atual, os trabalhos de campo ao longo do percurso do eixo da BR-174 e dos demais acessos por rodovias federais secundárias (BR-210, BR-401, BR-432, estrada perdida no Parque do Viruá, BR-433 acesso ao Uiramutã), estaduais (AM-240, RR-203) e ramais (Paulista, Morena, Canoas, entre outros) apresentam um mosaico complexo de formas espaciais que remetem a processos históricos de longa duração e a ocupações recentes.

Em decorrência disso, torna-se oportuno realizar atividades ao longo do eixo Amazonas–Roraima, tendo em vista que corresponde a uma fração territorial da Amazônia que apresenta verdadeiras sínteses das mudanças e da complexidade geodinâmica.

### **Geografias de Amazonas e Roraima**

O roteiro de trabalho de campo ao longo da rodovia BR-174 corresponde a um dos caminhos terrestres mais didáticos para a realização de atividades de observação da geologia, das faixas de transição e das formações sedimentares e cristalinas (Souza e Nogueira, 2009); da geomorfologia e feições erosivas nos primeiros 100 km iniciais (Carvalho e Molinari, 2014), controle estrutural da neotectônica (Molinari e Carvalho, 2019); da biogeografia, com a presença de florestas ombrófila densa, mista, campinaranas e savanas, além do desflorestamento ocorrido após a construção da rodovia (Pinheiro *et al.*, 2011); dos conflitos e expedições punitivas aos indígenas (Baines, 1990); e das transformações espaciais decorrentes da construção dos grandes objetos técnicos, como a própria rodovia, a UHE de Belo Monte, a mina do Pitinga, a extração de rochas para construção civil, a formação de uma cidade com dinâmica rodoviária, projetos de colonização e grandes atividades econômicas, como o caso da Agropecuária Jayoro (Oliveira, 1994; 1997), que apresenta plantações de cana-de-açúcar e guaraná há mais de duas décadas e, recentemente, teve uma plantação experimental de soja.

**Figura 3** – Feições erosivas, usina de Balbina e agroindústria Jayoro.



Org. os autores com imagens de 2024 e 2025.

Ainda no contexto do percurso e seu uso didático, inclui-se a possibilidade de observação de formas e de maneiras distintas de apropriação do espaço regional, com dinâmicas de controle territorial, como o caso da Terra Indígena Waimiri Atroari, da mineração do Pitinga e da UHE Balbina, além das transformações no uso da terra em Roraima, onde se destacam afloramentos de rochas dispostos nos formatos de matacões e morros residuais. No estado de Roraima, as espacialidades revelam formas diversas de apropriação, com a mesclagem de territórios protegidos, como Unidades de Conservação com restrições de uso (especialmente de Proteção Integral), e Terras Indígenas; faixas pioneiras antigas vêm sendo revitalizadas em uma dinâmica contemporânea de conversão de antigas pastagens em áreas de produção de dendê, soja ou milho, além da reativação e expansão das pastagens para ampliação da criação de rebanhos bovinos.

No âmbito das dinâmicas geológicas e geomorfológicas do percurso da rodovia no estado de Roraima (figura 4), identificam-se rios, formações, afloramentos e serras que possibilitam visualizar diferentes extratos e dinâmicas de formação, bem como formas residuais que indicam mudanças e estruturas antigas, como o caso da Serra do Tepequém, ao norte do estado.

**Figura 4** – Linha do Equador, percurso na rodovia BR-432 em período de estiagem, trilha em direção ao Platô da Serra do Tepequém e fronteira Brasil-Guiana.



Org. os autores com imagens de 2024.

As diferentes feições, elevações, formas e marcos construídos no território representam também uma oportunidade para a exploração do uso da cartografia temática, síntese e coremática para representar as diferentes localizações e as dinâmicas territoriais atuais. Destaca-se que o percurso interestadual permite cruzar a Linha do Equador, havendo no Brasil apenas três marcos: um ao longo da rodovia BR-174, outro em São Gabriel da Cachoeira, na rodovia BR-307, e um terceiro na cidade de Macapá, no estado do Amapá.

### Possibilidade analíticas e de atividades práticas

O percurso interestadual e internacional entre Amazonas, Roraima, Venezuela e Guiana corresponde a um dos roteiros mais completos para a realização de atividades práticas de campo, fundamentais para a formação acadêmica sólida de um(a) geógrafo(a), seja na diplomação de licenciatura ou de bacharelado. Essa constatação decorre da diversidade de espacialidades, paisagens e dinâmicas de ocupação que foram estabelecidas ao longo do processo de formação territorial e geológica dos estados do Amazonas e de Roraima.

Serpa (2006) destaca que os trabalhos de campo são essenciais para a pesquisa e para a própria produção do conhecimento, especialmente na ciência geográfica. Isso se desdobra, no caso específico da análise das atividades realizadas, em um acompanhamento contínuo, ao longo dos anos subsequentes, das mudanças espaciais e da necessidade de avançar nas pesquisas por parte dos docentes, estagiários, monitores e estudantes em geral. O aprofundamento das dinâmicas e das

novas espacialidades vem suscitando, cada vez mais, a realização de pesquisas após as práticas de campo.

A partir das atividades de campo realizadas a partir de 2013, sistematizou-se um conjunto de possíveis abordagens e enfoques que as atividades de campo podem assumir ao longo do eixo Amazonas–Roraima:

- a) Adensamento de sistemas de engenharias e de objetos técnicos como o caso recente da construção da linha de transmissão Manaus-Boa Vista e da infovia Moura/Barcelos-Caracaraí-Boa Vista, pavimentação da rodovia BR-432;
- b) Condicionamento espacial das rodovias na ocupação territorial entre Amazonas e Roraima;
- c) Formação de um segundo corredor regional e internacional de transporte entre as cidades de Bonfim/Lethem e Georgetown;
- d) Expansão das atividades de agroindústrias no Amazonas e Roraima;
- e) Aumento dos fluxos de transporte de carga entre Amazonas e Roraima com a formação de uma região agrícola em Roraima;
- f) Acessos pavimentados em áreas de pesquisa e de análise geomorfológica, geológica e ambiental;
- g) Presença de zonas de transição e de vegetação característica de cerrado;
- h) Presença de formações deposicionais e afloramentos de rochas magmáticas do tipo basálticas e graníticas;
- i) Diversidade de solos e de processos geodinâmicos como voçorocamentos, movimentos de massa e colmatação de rios e igarapés;
- j) Coleta de amostras de solos para análise de textura, granulométrica, PH e para fins didáticos de criação de coleções de cores de solo (colorteca);
- k) Presença de controle estrutural em rios e no relevo;
- l) Presença de mosaicos diversos de usos e de ocupação com terras indígenas, assentamentos e expansão da produção de *commodities* agrícolas;
- m) Revigoramento e transformações nas frentes pioneiras no Amazonas e em Roraima;
- n) Expansão da dendicultura na Amazônia e novos atores econômicos;
- o) Existência de atividades econômicas de extração mineral como areias, rochas e minérios;
- p) Existência de projeto hidrelétrico no rio Branco;
- q) Padrões de ocupações que se manifestam pelo arranjo rio-várzea-floresta e rodovia-terra firme-subsolo;
- r) Percepções, vivências, significados e o cotidiano de indivíduos e de grupos sociais;
- s) Migrações regionais nacionais e internacionais;
- t) Manifestações de tensões geopolíticas e de reafirmação da presença do Estado nas fronteiras;
- u) Feições de re-trabalhamento referentes a erosão de solos;
- v) Turismo, ecoturismo e formas de apropriação turística dos lugares;
- w) Cidades, formas espaciais, praças, espaços de memória, planejamento e ocupação.

Além dos aspectos mencionados, não se deve deixar de destacar que as ocupações ribeirinhas ao longo dos principais rios (Branco<sup>15</sup>, Uraricuera e Tacutu) e a presença dos povos

---

<sup>15</sup> O percurso fluvial entre as cidades de Caracaraí (RR) e Manaus (AM) foi realizado por um grupo geógrafos(as) da Universidade Federal de Roraima (UFRR), Universidade Federal de Roraima (UNIR), Universidade Federal da Paraíba

originários vêm apresentando tensões, que se manifestam com a expansão de atividades econômicas como garimpagem, mineração e avanço das frentes pioneiras. Isso constitui um mosaico de tensionamentos, invasões e danos socioambientais que alteram as territorialidades preexistentes e impõem novos usos ao território, contexto que faz parte da agenda de pesquisa e das atividades de trabalho de campo.

Os pontos mencionados anteriormente correspondem aos principais aspectos e dinâmicas processuais que podem ser observados e analisados durante as atividades práticas com estudantes de graduação. Essas atividades podem ocorrer de maneira combinada com diversas questões ou apenas uma, dependendo dos objetivos e hipóteses traçadas pelos docentes que organizam as atividades práticas.

O roteiro de trabalho de campo é sempre preparado com base em um conhecimento prévio do percurso<sup>16</sup>. No caso entre Amazonas e Roraima, diferentes caminhos são plenamente conhecidos há mais de uma década pelos docentes, alterando-se ao longo dos últimos anos os locais de parada, os atores sociais com quem se estabelecem diálogos e as atividades que são desenvolvidas com equipamentos na parte mais instrumental e de geração de dados primários.

Indo além dessas questões mencionadas, o percurso entre Amazonas e Roraima permite explorar conceitos, categorias e teorias que são trabalhados dentro da ciência geográfica<sup>17</sup> tais como: valorização do espaço; conformação territorial; condicionamento espacial; redes geográficas; sistemas de objetos e de ações; circuito espacial produtivos; cadeias agroindustriais; urbanização; recuo paralelo das vertentes; teoria dos refúgios ecológicos; teoria das fronteiras e de formação do território; limnologia e características de rios (água preta, branca e clara); linhas de pedra abundantes em taludes na BR 174 (*stone lines*) e linhas de queda (*fall lines*); contato entre compartimento geomorfológico (próximo ao km 136 da BR 174 – “Ladeira da Vovó”); intrusões magmáticas (batólitos e suítes intrusivas - km 136 ao km 170 da BR 174), transição pedológica (km 06 da BR 174)<sup>18</sup> movimentos de massa; feições de re-trabalhamento do relevo; voçorocamentos; ambientes deposicionais; presença de bioturbação em rocha sedimentar; relevo pseudo-cárstico

---

(UFPB) e da Universidade de São Paulo (USP) em maio de 2019, com registros da expedição publicados em Cavalcante *et al* (2020).

<sup>16</sup> Trabalhos de campo preparatório corresponde por uma viagem realizada principalmente pelos professores organizadores da atividade de prática de campo visando a realização um conhecimento prévio das dinâmicas de transformação e de colher informações previas para alojamento, refeições, guias em caso de trilhas e atores políticos e locais.

<sup>17</sup> Claval (2013) menciona que “a geografia humana é igualmente importante. Assim como a geografia física, é uma disciplina prática (...”).

<sup>18</sup> Para fins didáticos, utilizou-se a marcação da quilometragem antiga da rodovia BR-174 no percurso Manaus até a divisa com o estado de Roraima. Com isso, os locais que se denominam Km 1 correspondem ao atual Km 884; Km 107 corresponde ao atual Km 991.

(cavidades naturais em arenito, em especial no município de Presidente Figueiredo/AM) e dentre outros.

O eixo rodoviário Amazonas–Roraima e, mais recentemente, Roraima–Guiana correspondem a frações territoriais da Pan-Amazônia que apresentam uma diversidade de processos e singularidades nas formações geológicas, biogeográficas e nas ocupações em andamento, com a expansão das dinâmicas econômicas produtivas, como agricultura, mineração e a consolidação de rodovias. Isso possibilita a realização de diversos tipos de modalidades de atividades práticas, que podem abranger desde atividades de curta e média duração com enfoque em um dado recorte específico ou em vários, até atividades em percursos superiores a 1.000 quilômetros, como ocorreu nos anos de 2013, 2024 e 2025.

**Quadro 4** - Modalidades de trabalho de campo realizados entre Amazonas e Roraima.

Recorte espacial	Modalidade	Temporalidade	Observações
Manaus- Ponte sobre o rio Urubu (antigo Km 99)	TCC	1 dia	Trabalho de Campo Misto
Manaus-Presidente Figueiredo	TCC	1 dia	Trabalho de Campo Focal
Manaus-Presidente Figueiredo	TCMD	3 dias	Trabalho de Campo Focal Trabalho de Campo Misto
Manaus-Presidente Figueiredo-Balbina-Abonari	TCMD	3 até 4 dias	Trabalho de Campo Focal Trabalho de Campo Misto
Manaus-Caracaraí-Boa Vista-Amajari/Tepequém-Pacaraima-Santa Elena de Uairém-Bonfim/Lethem	TCL	6 dias	Trabalho de Campo Misto
Manaus-Cantá-Boa Vista-Bonfim-Amajári/Tepequem-Bonfim-Caracaraí	TCEL	10 dias	Trabalho de Campo Misto
Manaus-Cantá-Boa Vista-Bonfim-Amajári/Tepequem-Bonfim-Caracaraí	TCL	8 dias	Trabalho de Campo Misto

Org. Os autores.

Por fim, o desafio dos trabalhos de campo e das pesquisas realizadas por meio dessas atividades consiste em gerar produtos e difundir as análises elaboradas por estudantes, pesquisadores e professores junto às comunidades e aos atores envolvidos, no sentido de que as pesquisas devam continuar, contudo Yves Lacoste (2006, p. 78), destaca a importância de “comunicar os resultados aos homens e às mulheres que foram objetos delas, pois estes resultados conferem poder a quem os detém”, sendo um desafio e um dos desdobramentos atuais das atividades de pesquisa e de seus pesquisadores com a sociedade no período atual, havendo ainda, a inserção de práticas que correspondem a ações de extensão dentro da prática de campo.

## Considerações finais

Os trabalhos de campo na formação dos geógrafos, seja na licenciatura ou no bacharelado, têm uma importância fundamental como atividade que articula os elementos teóricos, a realidade

observada e os processos que transformam o espaço e a paisagem, deixando marcas pretéritas que condicionam outros processos e a própria ocupação. Esse exercício de articulação não deve ser visto como uma expedição, passeio ou mero deslocamento entre a universidade e o interior dos municípios, mas como um momento oportuno de análise, reflexão e construção de uma compreensão espacial das transformações sociais que se manifestam nos lugares, nos rios e no próprio relevo.

O trabalho de campo, enquanto meio (Kayser, 2006), corresponde a uma importante atividade para a formação profissional dos novos professores e bacharéis em Geografia, especialmente no contexto amazônico. Essas atividades permitem, além da articulação entre escalas, teoria e realidade, a visualização de múltiplas formas espaciais e abrem caminhos para novas pesquisas e para a reaplicação das práticas em outros ambientes formativos, como na educação básica ou no ensino superior pelos novos profissionais.

Em decorrência da complexificação da realidade e das condições institucionais, torna-se cada vez mais difícil a realização de atividades práticas nas modalidades TCL (Trabalho de Campo Longo) e TCEL (Trabalho de Campo Extra Longo) devido a restrições orçamentárias e infraestruturais. Apesar disso, essas modalidades e outras continuam sendo realizadas, mantendo-se relevantes para a formação profissional.

Por fim, o presente texto, além de apresentar de forma geral a discussão sobre trabalho de campo no eixo terrestre Amazonas–Roraima, traz um conjunto de temas, dinâmicas e processos que podem ser trabalhados em atividades práticas e pesquisas associadas à formação de graduação, iniciação científica e pós-graduação em Geografia e áreas afins.

## Referências

ALENTEJANO, Paulo Roberto Raposo; ROCHA-LEÃO, Otávio Miguez de. Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado?. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 84, p. 51-68, 2006.

AZAMBUJA, Leonardo Dirceu. Trabalho de campo e ensino de Geografia. **Geosul, Florianópolis**, v. 27, n. 54, p. 181-195, 2002.

AZEVEDO, Daniel Abreu de; RIBEIRO, Rafael Winter. Expedições, excursões e trabalhos de campo no entendimento geográfico. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 44, n. 1, p. 01-25, 2024.

BAINES, Stephen Grant. "Comprido": A morte de um líder Waimiri-Atroari. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Série Antropologia**, v. 6, n. 2, p. 145-160, dez. 1990.

CARVALHO, Daniela Paiva; MOLINARI, Deivison Carvalho. Caracterização das voçorocas na BR 174: Trecho Manaus–Presidente Figueiredo (Amazonas). **Revista Geográfica Acadêmica**, v. 8, n. 2, p. 5-19, 2014.

CARVALHO, João Renôr Ferreira de. Mandioca e farinha na área do lago Janauacá. **Cadernos do CEDEAM**, 1986.

CASTRO DE JESUS, Ana Beatriz; OLIVEIRA NETO, Thiago. Imagens duma Amazônia em mutações, trabalhos de campo em geografia humana (Crônica de campo). **Confins**, n.º 60, 2023.

CAVALCANTE, Maria Madalena Aguiar; VERAS, Antonio Tolrino de Rezende; SEABRA, Giovanni de Farias; SILVA, Josué da Costa; SILVA, Maria das Graças Nascimento; RIBEIRO, Wagner Costa. Amazônia: explorando o baixo Rio Branco–Roraima/Amazonas. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 40, p. 203-217, 2020.

CLAVAL, Paul. O papel do trabalho de campo na geografia, das epistemologias da curiosidade às do desejo. **Confins**, n.º 17, 2013.

COLTRINARI, Lylian. O trabalho de campo na geografia do século XXI. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, v. 2, n. 2, p. 103-108, 1998.

KAYSER, Bernard. O geógrafo e a pesquisa de campo. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 84, p. 93-104, 2006.

GUEDES, Jefferson Correia.; MESQUITA, Luciano Olavo de Oliveira.; MORGADO, Ana Cristina Nunes. Breves considerações geomorfológicas das rodovias BR-174 e AM 240 (Manaus – Presidente Figueiredo): Amazonas. **Revista Discente Expressões Geográficas**. Nº 9, Florianopolis, 2014.

LACOSTE, Yves. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 84, p. 77-92, 2006.

LIMA, Maria do Socorro Bezerra de. Expansão da cadeia da soja na Amazônia setentrional: os casos de Roraima e Amapá. **Boletim de Geografia**, v. 38, n. 2, p. 79-93, 29 dez. 2020.

MEDINA, Rayanne do Nascimento; OLIVEIRA NETO, Thiago; SILVA, Fredson Bernardino Araújo da. Redes, fluxos e Periodização da Ligação Manaus-Boa Vista (Rodovia BR-174). **Geoconexões**, v. 3, n. 20, p. 202-226, 2024.

MOLINARI, Deivison Carvalho.; PINTO, Samantha Ferreira Lira.; ALBUQUERQUE, Rafael de Almeida. Breves considerações sobre os problemas socioambientais na BR-174: Rorainópolis, Caracaraí, Iracema, Mucajá e Boa Vista (Estado de Roraima). **Acta Geográfica**, Boa Vista, n.º 11, 2011.

MOLINARI, Deivison Carvalho.; CARVALHO, Daniela Paiva. Neotectônica no Amazonas: análise geomorfológica-geológica na BR 174. **Confins**, n.º 43, 2019.

NOGUEIRA, Afonso.; SARGES, Roseane. Characterization and genesis of waterfalls of the Presidente Figueiredo region, northeast State of Amazonas, Brazil. **An. Acad. Bras. Cienc.**, 73 (2), 2001.

OLIVEIRA, Jose Aldemir de. **Cidades na selva: urbanização das selvas**. Tese de Doutorado em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

OLIVEIRA, Jose Aldemir de. Waimiri-atroari: invasão e fragmentação do território indígena. **Travessia - Revista do Migrante**, São Paulo: CEM, Ano IX n° 24, 1996.

PINHEIRO, Eduardo da Silva; RODRIGUES, Eduardo Paschoal; OLIVEIRA, Maurício Soares de. Uso De Geotecnologias para o Mapeamento das Alterações na Paisagem da Rodovia Br-174. **Revista Geográfica Acadêmica**, v. 5, n. 2, p. 17-29, 2011.

RODRIGUES, Antonia Brito; OTAVIANO, Claudia Arcanjo. Guia Metodológico de Trabalho de Campo em Geografia. **Geografia, Londrina**, v. 10, n.º 1, 2001, pp. 35-43.

RUA, João. **Em busca da autonomia e da construção do conhecimento: o professor de geografia e o livro didático**. Dissertação de Mestrado em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992, 290f.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 2002.

SERPA, Ângelo. O trabalho de campo em geografia: uma abordagem teórico-metodológica. **Boletim paulista de geografia**, n. 84, p. 7-24, 2006.

SOUZA, Valmir da Silva; NOGUEIRA, Afonso César Rodrigues. Seção geológica Manaus–Presidente Figueiredo (AM), borda norte da Bacia do Amazonas: um guia para excursão de campo. **Revista Brasileira de Geociências**, v. 39, n. 1, p. 17, 2009.

SUERTEGARAY, Dirce M. A. Pesquisa de campo em Geografia. **GEographia**, Ano 4. n° 7. Niterói/RJ, 2002.

VENÂNCIO, Emily Khetlen Pessoa; OLIVEIRA NETO, Thiago. As novas dinâmicas territoriais e os eixos rodoviários no estado de Roraima: geopolítica da fronteira com a Guiana. **Revista de Geopolítica**, v. 15, n. 3, p. 1-18, 2024.

VENÂNCIO, Emily Khetlen Pessoa; OLIVEIRA NETO, Thiago; NOGUEIRA, Ricardo José Batista. O corredor regional Manaus-Boa Vista: Análises Geográficas Contemporâneas. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 18, n. 54, p. 414-438, 2024.

VERAS, Antonio Tolrino de Rezende. **A produção do espaço urbano de Boa Vista – Roraima**. Tese de Doutorado em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

VIDAL, Bruno Sarkis. **A expansão da soja na Amazônia Setentrional: mudanças ambientais em Roraima**. Dissertação de Mestrado em Geografia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2024, 142f.